

O aniversário do armistício

Passa hoje o aniversário do armistício. Falar do armistício é recordar a guerra, e recordar a guerra é lembrar uma época de martírio. Quando, há sete anos, se recebeu a notícia da assinatura do armistício, uma alma nova entrou em todos os peitos, a chama da esperança em melhores dias, que estava quase extinta, reacendeu-se. Os ingenuos que haviam acreditado nas palavras sonoras dos propagandistas da guerra, criam firmemente na realização das aspirações de liberdade que o furor das batalhas tornara mais fortes.

— Esta é a última guerra — dizia-se.

E formavam-se belos projectos, e sonhava-se com a harmonia e a paz dos povos sob o olhar vigilante e paternal dos Clemenceau e dos Lloyd George que, por mandato do capitalismo internacional, tinham incendiado o rastilho e ateado a labareda da conflagração mundial.

Os anos decorreram e, se amargos foram as horas dolorosas em que no centro da Europa inocentes de todas as nacionalidades e de todas as raças tombavam morrendo, pelos invernos rigorosos, as neves maculadas de sangue, não menos dolorosas têm sido as horas desta paz armada, desta paz mascarada, sob a qual o capitalismo continua a fazer a sua guerra de morte aos povos sacrificados.

Pouco tempo depois, aqueles que tinham saudado o armistício com a exclamação entusiástica — "esta é a última guerra!" — diziam desanimados, vendo a guerra prosseguir por esse mundo, sob as vistas inocentes e protectoras da Sociedade das Nações:

— As guerras ainda não terminam.

E não. No momento em que tracamos estas palavras rudes e desprovidas de estilo, mas sentidas e sinceras, as balas do capitalismo internacional, do capitalismo insaciável de sangue, como um vampiro, ferem mortalmente os povos que amam e defendem a sua liberdade e a sua independência. A ordem do capitalismo, morre-se na China, na Síria e em Marrocos. Sem que a Sociedade das Nações, que tem o encargo de manter a paz, se mostre apoucada por isso.

O povo já sabe hoje que a origem das guerras está no sistema capitalista que ainda rege os povos e os domina. O povo já sabe que para obter a paz é necessário intensificar até ao triunfo a última guerra, a mais humana, porque é feita pelos explorados contra os exploradores — a guerra de classes, a guerra das classes produtoras contra as parasitárias.

Depois, quando o triunfo do proletariado for um facto e as fronteiras estiverem derrubadas, poderão os povos abraçar-se fraternalmente e saudar entusiasticamente a paz cimentada no Trabalho e na Liberdade.

A guerra de Marrocos

Os rifenhos preparam um ataque?

TANGER, 10. — Os rifenhos voltam a movimentar-se. Nos últimos dias têm concentrado fortes colunas nas proximidades das linhas espanholas, parece que no intento dum audacioso ataque.

A "fita" do atentado contra Mussolini

para fazer perseguições

ROMA, 10. — Em consequência dos inquéritos por causa do complot contra a vida de Mussolini, realizaram-se hoje duas prisões importantes: a do general Grilblidi e a do socialista Capochi.

O grão mestre da maçonaria italiana protestou contra a acusação de haver subsidiado os elementos comprometidos directamente no atentado.

Manifestações em Belgrado contra o ditador italiano

BELGRADO, 10. — Um grupo de fascistas atacou a redacção do jornal *Sloven* que num artigo meteu a ridículo o complot contra Mussolini, dizendo tratar-se de uma "pavorosa" para justificar violências.

O grupo foi repellido e pouco depois as ruas de Belgrado enchiam-se de manifestantes que fizeram demonstrações de desagrado em frente da legação de Itália.

Os grandes desastres

PARIS, 10. — Deu-se uma explosão de gás na região petrolífera de Gronv ficando mortas 22 pessoas e feridas 60.

Um numeroso grupo de intelectuais dirige um manifesto ao país protestando contra as deportações e detenções de operários sem culpa formada

Um numeroso grupo de intelectuais, entre os quais se encontram alguns dos maiores valores mentais do país, fez publicar um manifesto combatendo as deportações sem julgamento e as prisões sem culpa formada. Enche-nos de regosio este facto, porquanto verificamos que não estamos sós na crítica à injustiça das deportações. Pelo contrário, estamos acompanhados e bem acompanhados.

Assim esse manifesto, que a seguir transcrevemos, os seguintes nomes:

Agostinho Fortes, publicista; Alfredo França, escritor e jornalista; Alfredo Marques, jornalista; Alvaro de Andrade, jornalista; Alvaro Neves, publicista; Amadeu de Freitas, jornalista; Américo Durão, poeta e dramaturgo; Ana de Castro Osório, escritora; António Alves Martins, poeta e jornalista; Aquilino Ribeiro, escritor; Artur Inês, jornalista; Artur Portela, jornalista e crítico de arte; Assis Esperança, escritor; Bento Mantua, dramaturgo; Bourbon e Menezes, jornalista e escritor; Câmara Reis, publicista; Campos Lima, jornalista e escritor; Carlos de Abreu, jornalista e escritor; Carlos Ferrão, jornalista; Cesar Porto, publicista; Correia da Costa, escritor; Cristiano Lima, jornalista; Da Cunha Dias, publicista; Domingos Monteiro, poeta; Eduardo Faria, desenhador; Eduardo Frias, jornalista e escritor; Eduardo de Sousa, jornalista; Emilio Costa, publicista; Félix Correia, jornalista; Fernando Reis, jornalista e escritor; Ferreira de Castro, jornalista e escritor; Gomes Ferreira, poeta; Humberto Pedágio, publicista; Jaime Cortezão, escritor; Jaime Lança, jornalista; João Regala, jornalista; João de Castro, escritor; José Osório de Oliveira, publicista; Julião Quintinha, escritor e jornalista; Manuel Ribeiro, escritor; Mario Beirão, poeta; Mario Domingues, jornalista e escritor; Mário Monteiro, jornalista e escritor; Mário Salgueiro, poeta e jornalista; Menezes Ferreira, escritor e desenhador; Matos Sequeira, crítico de arte; Mayer Garçon, jornalista e escritor; Nogueira de Brito, crítico de arte; Norberto de Araújo, jornalista e escritor; Pinto Quartim, jornalista; Raúl Brandão, escritor; Raúl Proença, publicista; Remédios de Bettencourt, jornalista; Rocha Martins, jornalista e escritor; Roberto Nobre, desenhador; Rodrigues Miguel, publicista; Santos Vieira, jornalista; Silva Tavares, poeta e dramaturgo; e Vasco da Fonseca, jornalista.

Na Guiné representa-se uma enorme tragédia: em Lisboa vai-se representando outra. Na colónia insalubre, afastados de todos os auxílios, rastos, famintos, labutando sob o sol abrasador, à margem da sociedade e da justiça, vão-se finando indivíduos para ali enviados sem julgamento. Podem lá estar criminosos, mas é do mais rudimentar direito ouvir as razões do seu crime, para dentre eles se distinguir os inocentes; é da lei, é de todos os códigos, cujos para melhor os castigar ou absolver, para se exercer firmemente a justiça. Em todos os países, os mais repugnantes criminosos comparecem diante dos jurados, dos acusadores e pelo menos uma voz, a do advogado que se lhes concede, se ergue a seu favor. Assim foram julgados e condenados, até mesmo à morte, Tropicam, o grande assassino; Solleilant, o violador de crianças; Fieschi, o regicida; João Brandão, bandido instigado por políticos; Diogo Alves, matador infame e parricida; envenenadores, incendiários, quadrilheiros e até matricidas. Ninguém lhes negou um tribunal.

A justiça deve ser inegável como a cõdea de pão ao faminto, como a gota de água ao sedento. Os franceses, diante do inimigo, que estava dentro do país, instituíram tribunais em Versalles para julgar os comunistas acusados de todos os atentados.

Em Portugal, porém, no regime de uma exaltada democracia, sem lei em que se apoiem, sem outro bordão a que se agarrem, os governantes atiram para a morte, em paragens longínquas, homens que ninguém julgou. Lá longe vai-se consumindo essa carne de repellidos do altar da justiça, vai-se tornando pústula de cadeia, vermina de degrado, podridão de vala comum. Já morreram cinco dos atingidos cruelmente e já um dos deportados enlouqueceu. A morte não escolhe, o clima não distingue inocentes de culpados.

Esta democracia, que se horroriza à ideia dum patíbulo, comete a hipocrisia de matar sem julgamento, fazendo da sua colónia uma vasta guilhotina, um garrote, uma máquina de assassinar. Pior que esse instrumento de suplício é a Guiné, onde se morre lentamente sem que os juizes tivessem sequer ouvido as vozes dos votados ao degrado e ao cadafalso. Um simples agente de polícia, inconsciente ou malvado, em nome de princípios de defesa social errados, agredando a um bando, ou a uma corte enriquecida por meios inconfessáveis, pode lançar para fora de todas as leis e condenar aqueles que alguns próceres do Estado outrora tiveram como auxiliares, os que beberam nas suas palavras o incentivo para os atentados. Eis o drama terrível; eis a tragédia em toda a sua nudez.

Mas não acaba aqui. A Guiné tem a sua antecâmara; as bocarras das valas coloniais têm seus fornecedores zelosos em Lisboa, onde se vão enchendo os calabouços das esquadrões de indivíduos sem culpa formada e que se destinam, talvez, a esse cemitério onde os outros estão sendo sepultados.

Acusam-nos de semeadores de bombas a uns, a outros, de seus cúmplices, alguns não passam de suspeitos. Dentro das esquadrões quarenta trabalhadores esperam por sua vez de degrado. Estão no oratório. Nos seus lares, há muitos meses, as famílias, as mulheres, as crianças, os pais enfermos ou inválidos sofrem a fome porque lhes faltam aqueles braços. Acusam-nos de atear rebeliões mas os governos é que lançam à terra — calcando a Democracia e a Justiça — o germe dessas revoltas. Chama-se àquele degrado sem julgamento "mudança de residência", e esta detenção demorada e sem julgamento também, intitulada-se "prisão preventiva". É a miséria mental, é a demência, para não dizer

alevisia. E porque acima das conveniências de uns e dos malefícios de outros está a solidariedade humana, em nome dos maiores princípios e do respeito pela lei — que é clara, que é limpa, que não ordena degrades sem julgamentos, nem prisões sem culpa formada — protestamos contra tais atentados à sombra da Razão e do Respeito Humano.

Semeadores de ideias, coisa alguma temos de comum com os acusados de semeadores de atentados. Todavia há um ponto que nenhuma consciência bem formada pode esquecer, que nenhuma alma generosa, que nenhum espírito liberal pode olvidar: é o respeito pela justiça, é a igualdade perante o código.

E porque a democracia o esqueceu é justo que lho recordemos, apontando aos governos o seu dever: regresso dos deportados para serem julgados na metrópole, libertação dos presos sem culpa formada. A justiça como a liberdade, deve ser uma só para todos. É a justiça que indicamos. Se esses homens têm que morrer no degrado, ao menos que saibam porque lhes votaram a execução e a morte e que escutem a voz dos juizes a condená-los.

Torna-se difícil punir atentados de réus quando o próprio poder atenta contra a lei. Não podem deixar de protestar contra os degradadores aqueles que sabem como vão caindo, dia a dia, os que sem condenações legais foram degradados.

Os homens que assinam este manifesto nunca exploraram o Estado nem devem nada aos poderosos. São intelectuais, trabalhadores da pena, vivendo dentro da sua época e amando acima de tudo a tranquilidade das suas consciências.

E porque assim é vem lembrar ao governo aquilo que ele jamais deveria ter olvidado ao querer representar a democracia: a igualdade perante a lei.

Os fugitivos de Cabo Verde estão sendo vítimas da desumanidade do governador civil do Funchal

A situação dos três fugitivos de Cabo Verde que se encontram no Funchal, modificou-se um pouco para melhor. Já não se encontram incomunicáveis e recolheram à Bateria de Artilharia n.º 3, onde estão num calabouço.

João Ferreira e José Soares tiveram que baixar ao hospital devido às febres de África. O segundo já teve alta e recolheu à Bateria. Porém João Ferreira é que ainda está no hospital e gravemente enfermo.

O governador civil do Funchal, o dr. João Ferreira, mostra-se empenhado em lhes agravar a situação tendo já manifestado desejos de os pôr novamente incomunicáveis, a pesar da conduta moral dos presos ser irrepreensível.

O governador civil ainda pretende opor-se a que os dois presos baixassem ao hospital, sendo preciso que o médico militar dr. Lúcio Tolentino se impusesse, para que o João Ferreira fosse hospitalizado.

Para justificar este bárbaro desejo, o governador civil insinuou que os presos haviam dado «ardilosa» parte de doentes, insinuação de que o *Século* se fez eco.

Estas são as informações que recebemos ontem dum nosso amigo que reside no Funchal e que de perto tem acompanhado os movimentos deste «gentil» governador.

Notas & Comentários

Sociedade de Geografia

Passou ontem o 50.º aniversário da Sociedade de Geografia. Por tal motivo realizou-se ontem na sede desta utilíssima colectividade científica uma sessão solene, abrilhantada pela colaboração de várias entidades oficiais e particulares. A História da Sociedade de Geografia tem páginas admiráveis de serviços relevantes prestados à Ciência. As expedições célebres de Capelo e Ivens através da África são feitos que, honrando aquela prestimosa agremiação, marcam um progresso incontestável da humanidade.

Como eles se descobrem

Uma comissão de oficiais da guarnição militar de Viana do Castelo mandou distribuir pelos regimentos e estabelecimentos militares uma circular plena de adjetivos elogiosos para o capitão Rogério Tavares. Da leitura desse documento delicioso tiram-se ensinamentos preciosos para o estudo da psicologia do militar profissional. Transformaram Rogério Tavares em símbolo da luta do militarista contra o povo. Deliraram de contentamento por esse capitão ter encarnado as aspirações dos oficiais, matando cruelmente um cavalo numa corrida fatigante, e não puderam ocultar a sua raiva perante a vitória de José Tanguinho a quem chamam despresivelmente «um civil».

A lógica das eleições

Pela lógica das coisas ilógicas da política, logo que reabram as câmaras com os novos parlamentares e que são pouco mais ou menos os antigos deputados e senadores, um novo governo saído da maioria tomará conta dos destinos da nação, como é o dizer-se na linguagem vulgar do Rebate. O novo ministério será, ainda pela lógica ilógica das coisas, presidido pelo sr. António Maria da Silva, rejuvenescido pelas últimas eleições. Vamos, pois, ficar como se não tivesse havido eleições. O António Maria, que o país não pode suportar, foi eleito pelo país... Ou a vontade do país não se manifestasse através do exercício do «dever sagrado do voto»...

Em Castelo Branco foram presos iniquamente dois elementos operários

Ontem à tarde recebemos a seguinte notícia:

CASTELO BRANCO, 8. — Acaba de praticar-se nesta cidade mais uma infâmia. José Pires de Matos e José Vilhena encontram-se presos.

Ontem foi distribuído nesta cidade um manifesto anti-eleitoral e de propaganda libertária, editado pelo Grupo de Acção Anarquista de Castelo Branco.

Os dois camaradas citados foram presos ontem, em suas casas, acusados de serem os autores do manifesto e responsáveis da sua distribuição.

Foi também detido um rapaz que andava distribuindo manifestos, que pouco depois foi posto em liberdade.

João Vilhena e José Pires de Matos foram postos incomunicáveis nos infectos calabouços da esquadra.

Pires de Matos encontra-se aqui em tratamento dum grave doente.

João Vilhena é corticeiro e pertence à direcção da Associação dos operários corticeiros de Castelo Branco. — E.

Uma grande batalha na China

LONDRES, 10. — Volta a complicar-se a situação na China.

A poucas leguas de Pequim, segundo telegramas recebidos em Londres, as tropas de Tchangroline e do general cristão Fen You Chang, estão empenhadas numa grande batalha.

Um aviso aos mecânicos em madeira

A Direcção da Associação dos Operários Mecânicos em Madeira, do ramo de tanoaria, avisa todos os mecânicos que não devem ir trabalhar, a partir do próximo dia 1 de Janeiro, para as casas que tenham os operários segurados na Mutualidade Portuguesa, em virtude do camarada José Rodrigues ter tido alta há cinco meses, encontrando-se todavia, no momento presente, sem poder trabalhar.

ASSINEM Os mistérios do Povo

A propósito do aniversário da tremenda tragédia de Chicago publica-se uma curiosa carta da esposa de Spies que com ele casara na prisão

Os mártires de Chicago! Todo o mundo operário e revolucionário os conhece. O seu sacrifício, a altivez que mostraram diante dos tribunais, a coragem heroica com que proclamaram os seus ideais e a magistral e lógica acusação com que criticaram a sociedade capitalista provocaram uma impressão profundíssima que tão cedo se não desvanecerá. Hoje, que prefaz, ao certo, 39 anos que esse crime da justiça americana se perpetrou, publicamos um interessante artigo que o nosso camarada Armando Borgei nos enviou de Paris e que invoca com inteligente sobriedade a simpatia intelectual dum rapariga da burguesia americana. É um episódio tocante pela beleza que revela e pela sensibilidade superior da sua protagonista — miss Nina Van Zant.

O Bairro Latino é uma biblioteca ao longo das ruas.

Este facto compensa-me um pouco o estar vivendo num dos bairros mais reaccionários. Com efeito o Bairro Latino é o bairro dos intelectuais e os intelectuais de esta época, a que se seguiu a vitória, são, na grande maioria, o mais patriotas possíveis.

Uns dias por outros, como os nativos de Paris, também me dedico à pesca ao longo dos Cais do Sena. Uns, com os olhos fixos na água, pescam à linha. Outros, e eu estou nesse número, com os olhos fixos nas montanhas dos livros, procuramos pescar algum velho alfarfálio, alguma raridade que os outros não tenham descoberto.

Foi numa dessas pescas maravilhosas que eu encontrei, por acaso, uma revista velhíssima e cheia de pó: a *Revista Socialista* publicada em Paris há por volta do ano de 1899.

Nessa época, na Europa e na América, a palavra *socialismo* tinha uma significação comum para os socialistas e anarquistas. Muitas vezes os socialistas apelidavam-se a si próprios *libertários*, os libertários consideravam-se sempre *socialistas*.

Eis uma série de artigos que me interessam mais do que quaisquer outros! O título dá-me razão: *Os anarquistas de Chicago*.

O articulista trata-os como camaradas e os anarquistas de Chicago falam continuamente do seu *socialismo*.

Ah!... E' que nesse tempo ainda não havia ministros socialistas, revoluções mascaradas pelos socialistas, socialistas políticos, ministros da guerra... e um socialismo cuja única aspiração é ser governo.

A tragédia de Chicago foi, pois, nessa época, um facto que disse respeito aos socialistas em globo.

Ao ler a série de artigos dessa revista notei um, que me prendeu a atenção em particular. Esse artigo é conhecido, mas não nos seus detalhes, isto é na parte que se refere à tragédia de Chicago. Há um romance de amor, uma história de mulher que convém torná-la conhecida.

E' à pena do sr. Paul Bonquet que nós devemos os trabalhos da *Revista Socialista* a que me refiro. Dá-nos alguns detalhes sobre este romance de amor, traduzindo algumas páginas dum brochura que foi publicada em 1897, antes da execução dos nossos camaradas, por miss Nina Van Zant, uma das personagens, a principal talvez, dessa história de amor...

Leiamos o prefácio da brochura, que entre várias coisas contém duas cartas de Spies e Parsons e alguma notas autobiográficas de Spies.

«Ao publicar estes escritos, só tenho um fim em mira: dar aos meus compatriotas americanos, homens e mulheres, os meios de conhecer a vida, o carácter e as aspirações de um homem, Spies, que, com vários outros, lhes prendeu a atenção durante estes últimos nove meses.

«Depois de terem lido esta brochura poderão fazer os juízos que lhes aprouver. Saberão quem era este homem, qual a sua força e saberão também que nunca ninguém foi tão sistematicamente vilipendiado pela imprensa capitalista.

As suas convicções, bem como as dos seus companheiros de conspiração — como lhes têm chamado — foram alteradas e enlaçadas por uma das mais felizes conspirações dos «abutres sociais» que a história conhece até hoje.

«Eu não conhecia nenhum dos acusados até ao dia em que pela primeira vez entrei no pátio de justiça durante a comédia chamada julgamento.

Só tinha tido conhecimento do que se passava pelos jornais.

Devido a isso, ia na disposição de encontrar na minha frente uma rara colecção de homens estúpidos, viciosos, de caras patibulares.

Qual foi o meu espanto quando apenas encontrei figuras inteligentes e boas. De repente senti-me interessada e pouco depois estava convencida de que os oficiais do Tribunal e a polícia estavam coligados contra estes homens, não em razão de qualquer crime, mas devido à importância que eles ligavam ao movimento operário.

Tomada dum sentimento de horror, aumentado por tudo o que pude ver e ouvir, e também dum sentimento de justiça resolvi enfileirar-me ao lado dos perseguidos. Desejei de poder gritar bem alto as minhas simpatias e de descobrir o meio de poder ser útil a estes desesperados, visitei em companhia de minha mãe a negra prisão onde eles passaram os abrasadores meses do verão.

Foi nessa época que eu fiz conhecimento com Augusto Spies. Com o decorrer dos meses esse conhecimento consolidou-se.

«Qualquer alma bem formada pensará como eu que, antes de se pronunciar sobre uma questão tão importante como a dos anarquistas de Chicago, é necessário conhecer bem os dois lados da questão.

Ora só um desses lados é que, até agora, foi apresentado ao público: a acusação. Os jornais recusaram-se a deixar transparecer nas suas colunas o menor facto que pudesse servir à defesa dos infelizes...»

Um pouco mais adiante miss Nina Van Zant diz num *post-scriptum*:

«Antes de ter começado este livrinho e antes que ele estivesse acabado, deu-se um acontecimento que, pelo carácter sensacional que lhe concedeu a imprensa degenerada, exige algumas palavras de explicação.

A minha simpatia pelos prisioneiros violentados e ilegalmente perseguidos, transformou-se num sentimento de amizade por Spies quando eu o conheci pessoalmente.

Desta amizade nasceu com o tempo uma afeição bastante grande. Como simples

amiga opunham mil obstáculos às minhas visitas à prisão. Só os pais tinham o direito de ir ver os presos. Como a nossa afeição mútua valia tanto como um laço familiar, determinámos tornar-nos noivos um do outro. Mas pouco depois informaram-me que os maridos e as mulheres só se podiam visitar fora da hora regulamentar. Passaram dias e uma nova ordem proibiu-me qualquer visita aos prisioneiros. Compreendi, então, que todos os meus esforços a favor dos meus amigos e da justiça, não agradava a uma certa classe da sociedade, interessada no extermínio dos mesmos. A minha situação social e as minhas relações fortaleceram ainda esse sentimento. Era pois evidente que procuravam impedir qualquer comunicação entre mim e os prisioneiros. O sermos noivos não bastava. Decidimo-nos então a tornar-nos marido e mulher pela lei...

«Como meus pais não fizessem nenhuma oposição à nossa união, o caso só dizia respeito a nós dois. Mas uma chusma de jornalistas, mandando muito respeitáveis na sua maior parte, poz-se a gritar logo que o nosso projectado casamento foi conhecido.

Se eu tivesse cometido qualquer crime, previsto pelo código criminal, estes galantes e cavalheirescos *gentlemen* americanos não me teriam ofendido e arrastado na lama como o fizeram. Se eu tivesse sido uma rapariga obscura e desconhecida, nada teriam dito contra este casamento; mas uma rapariga, dum antiga família americana e de grande fortuna que seguiu a voz da sua profunda estima, em vez de seguir o dólar, fez escândalo! A *miss* estava doida! Tinha lido romances que fazem mal à cabeça!

«Se eu me tivesse casado com qualquer velho e importante milionário do *meu mundo* como se diz, estes perfeitos *gentlemen* ter-me-iam deixado sossegada. Não teriam faltado pessoas entre os meus cristãos irmãos e irmãs para gritarem: «excelente casamento, encantadora *miss*!»

Eu prefiro a censura destas pessoas tão morais, que não foram feitas para compreender um amor feito de simpatias intelectuais, à sua desonrosa aprovação. Em compensação sinto-me bastante orgulhosa de algumas simpatias que conquistei...»

Chicago, 27 de Janeiro de 1897

Notai a data. A corajosa rapariga escrevia, como já o disse, quando os nossos camaradas ainda estavam vivos. Eles foram julgados nos dias 7, 8 e 9 de Outubro de 1886 e executados no dia 11 de Novembro, de 1886 como nós todos sabemos muito bem.

Ela esperava... lutava, ela talvez ainda esperasse, ao escrever estas páginas, julgando tornar mais suave o infortúnio.

Nutrimos neste momento um sentimento de ternura particular, após tantos anos, ao lembrarmos-nos que o poder da verdade e do espírito de justiça e a atracção de simpatia dos nossos camaradas mártires, poderiam determinar um «clan» de revolta no espírito finíssimo e humano dum rapariga pertencente à classe que desejava a morte dos revoltados da classe proletária. Ao lembrarmos-nos pois do martírio dos nossos camaradas, nós não podemos hoje se pararmos da sua memória a *miss* Nina Van Zant e deixar de os reunir num único amplexo de admiração merecida.

Paris, Novembro.

Armando BORGHI

Dois operários acusados pela precoce preversidade dum espião

Dos operários José da Silva e Hilário Gonçalves, que há 5 meses se encontram presos na esquadra do Caminho Novo, recebemos a seguinte carta que passamos a publicar:

Camarada redactor—Tendo sido nós acusados, por António Ferreira, da prática de delitos que só devem existir em sua imaginação, temos até agora esperado que se fizesse uma acareação a fim de sermos confundidos. Como nós não conhecemos o aludido António Ferreira, que nos dizem ser uma criatura que foi coagida a denunciar falsamente operários, pedimos ao agente sr. José Augusto, que nos interrogou no P. S. E., que nos acaresse com ele. O sr. José Augusto prometeu que essa acareação seria feita, mas até agora ainda não demonstrou nenhuma disposição de cumprir a sua promessa.

Há 5 meses que nos encontramos neste horrível calabouço sem que a nossa situação esteja ainda definida. O estado da nossa saúde, devido aos horrores dum encarceramento prolongado, é bastante precário.

Não será tempo de acabarmos com a tremenda iniquidade que a nossa detenção representa?

O António Ferreira, a quem a carta destes dois operários se refere, é aquele raparzelho que foi protegido e acarinhado nas alforjas do governo civil, a fim de lhe arrancarem declarações comprometedoras para a liberdade e a dignidade de muitos operários. É ainda o mesmo que deu ao *Diário de Notícias* uma entrevista cheia de inverosimilhanças e de calúnias, procurando atingir a organização operária.

A acareação que as duas vítimas da esquadra do Caminho Novo pedem não pode fazer-se, porque o transviado menor António Ferreira foi enviado para África, onde vai ocupar um emprego, como orémio da sua precoce preversidade.



A TRAGÉDIA DE CHICAGO — Na estrada do Ideal, a Glória coroa os mártires que tombam na sua marcha para o Progresso Humano.

E' HOJE que se realiza a sensacional «première» do quadro

AS RAINHAS DOS MERCADOS

com que é ampliada a revista RATAPLAN! no THEATRO MARIA VITÓRIA

EDEN THEATRO

Directão artística de HENRIQUE SARTORI
Telef. 11. 3800

HOJE às 21,15 (9 1/4 da noite)
Números de actualidade
Lindíssima música

A espiúfosa e galante revista

No País do Tirismo

Cremilda de Oliveira
em três papeis de destaque

Os «comperes» pelos graciosíssimos actores

HENRIQUE ALVES
e GUILHERME CAUPERS

A kermesse—Honra ao génio—No Chiado—A Lisboa trágica

Deslumbrantes apoteoses

Não há entradas de favor

AS GREVES

Quadro tipográfico de «A Epoca»

Quer por convites directos, quer pelos inúmeros aliciadores, a Empresa do jornal «A Epoca» tem procurado, sem o conseguir, arranjar pessoal para formar o quadro.

O pessoal grevista mantém-se firme e agarda com serenidade que uma rajada de bom senso invada os dirigentes da Empresa e faça a devida justiça.

A Empresa que por boca do seu director diz ser pobre e não achar justo que lhe estejam diligenciando fazer a interrupção do periódico, não reconhece que o culpado de tudo quanto se passa é única e exclusivamente o seu chefe, Figueiredo? Porque motivo anda a Empresa a pagar a polícias para irem buscar os amarelos a casa e novamente ir lá pô-los, a guardar páginas e a guardar os jornais para o correio, os moços da forma, etc? E o pessoal o culpado? Se não existisse a Ração do quadro em luta, não andavam com este aparato bélico policial e não gastariam superfluoamente na polícia essa centena de escudos diários fora o prejuízo material da oficina, que não é tão pouco como isso...

Agora, segundo nos conta, até vai um polícia a Vila Franca de Xira levar o tipo gráfico Salgado, que diariamente vem daquela localidade para «A Epoca» trazer aqueles que devido à jaz de seu chefe, foram arrastados para a luta. Vai aqui um mês que o pessoal abandonou o trabalho e só conseguiram até agora arranjar meio quadro e este composto por indivíduos que muito breve talvez os vejamos acompanhados pela polícia, não para irem para casa, como agora, mas sim para onde é mais vulgar a polícia levar os indivíduos.

Convidam-se os componentes do quadro que ainda não foram escalados para substituídos, a comparecerem na sede da Associação, hoje, das 17 às 19, e bem assim os que já trabalham.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 43500.

Encadernação (por capas e índice), 20800.

Capas e índice em separado, 15500.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de «A Batalha».

Pró-António Nunes Ganha

Encontram-se em nosso poder quatro volumes de sociologia e literatura que se vendem pela maior oferta, destinando-se o produto da sua venda a António Nunes Ganha, ultimamente deportado para Africa. Esses volumes até agora só receberam ainda uma oferta: 10 escudos. Não haverá nenhum camarada que faça uma oferta maior, dado o valor dos livros e o objectivo de solidariedade a que visa a sua venda?

Um engano de más consequências

No Monte de Argalé, próximo das Alagôvas, existem umas fazendas, das quais é proprietário o sr. Esteves Vazquez, e onde trabalham vários jornaleiros entre eles, António Fernandes, de 25 anos, natural de Mograles (Vouzela) e que reside nas mesmas fazendas. Anteriormente, careceu o Fernandes de vir a Alagôvas fazer umas compras, e dirigiu-se para ali mas à entrada da vila, já noite, foi surpreendido por uma forte batida de água, pelo que se acotou numa propriedade que ali anda em construção. Pouco tempo depois, porém, parece que alguém o tomou por um gato que ali se havia ocultado e contra ele desfechou um tiro de chumbo cuja carga o veio atingir nas costas.

Ao ferido, que caiu prostrado no solo, acudiram várias pessoas que o conduziram para Alagôvas sendo-lhe prestados naquela localidade os primeiros socorros, vindo depois para Lisboa, onde foi transportado num auto da Cruz Vermelha ao hospital de São José, em cujo Banco foi devidamente pensado recolhendo depois à enfermaria de Santo António.

Foi preso um indivíduo como sendo o agressor, o qual deu entrada na cadeia de Évora.

Teatro APOLO

O SALTIMBANCO

BREVEMENTE
A peça de IBSEN
O INIMIGO DO POVO

«A Batalha» na provincia e arredores

Aldeia Velha de Santa Margarida

Selvajarias dum bom católico...

ALDEIA VELHA DE SANTA MARGARIDA, 9.—Na herdade denominada os «Morenos», desta freguesia, de que é proprietário o rico António Nunes, deu-se, há tempos, uma lamentável ocorrência, que, pela maldade que revela, despertou na laboriosa e pacata gente desta região a maior e mais justificada revolta.

Foi o caso que Estevam Nunes Barata, casado, residente em Cabeção, filho do dono da aludida herdade, matou, propositalmente e a tiros de espingarda, uma pobre cabrinha e feriu outras mortalmente, que tranquilamente comiam na pastagem de tão «real senhores».

As cabras eram dos seus vizinhos e compadres António Pires de Carvalho e seu filho José, a quem os gados do Barata raro é o dia que não comem pastos.

O pastor, um indivíduo de apelido Calhau, que guardava tão inofensivos como úteis animais, e que tinha ido a uma fonte próxima beber água, atraído pela detonação dos tiros correu para junto do gado recebendo do insolente Barata a intimação de retirar imediatamente com o gado, sob pena de matar o resto. Observou-lhe o pastor que as cabras eram dos seus vizinhos e compadres, que iam de passagem para uma outra propriedade, etc., mas não fizesse o mesmo a uma pacata água que perto pastava, melhor seria que a levasse também. Estes senhores de dinheiro, infelizmente com raros excepções, são quasi todos apologistas do modo de ver afunilado.

Este herói, que é monárquico-católico, e que depois da prática de tão hediondo crime ficou sendo conhecido nestas paragens pelo mata-cabras, é o mesmo que há um ano, pouco mais ou menos, acompanhado de sua esposa, pai, mãe, e de dois indispensáveis padres, conseguiu em troca de tanta leria, gorjetas, bolos e amêndoadas, num só dia, baptisar religiosamente na igreja da nossa pobre aldeia, a bagatela de 72 crianças!!!

Caramba!... Já é ser amigo do Povo... Dizia então, para convencer esta pobre gente, e agora o demonstrou praticamente com a sua nobre acção, que só quem é católico é bom, que só quem recebe os sacramentos da igreja é gente. Os outros, aqueles que não adoram a roupa negra do jesuíta, esses não passam de ser uns selvagens, não podem nunca ter uma consciência bem formada, uma alma cheia de bondade. E ele, com o seu gesto tão piedoso, é o primeiro a provar a razão das suas tão católicas afirmações...

Este indivíduo está entregue ao poder judicial da comarca de Aviz, onde terá que responder pela façanha que tão conscientemente praticou.

E a Sociedade Protectora dos Animais, como é seu dever, não deixa também de proteger o herói e já celebre Mata-Cabras.

Caldas da Rainha

Rendimentos dos operários — Relaxamento municipal

CALDAS DA RAINHA, 9.— Nas obras a que se está procedendo no edificio da Câmara, a fim de ali ser instalado o quartel dos Bombeiros Voluntários, deu-se um desastre de que foi vítima José Esperança, de Cascais, que ficou com a mão esquerda esfacelada.

José Esperança é sócio n.º 59 da associação, do desastre deu-se no dia 6 do corrente, na ocasião em que rompia uma parede.

As estradas deste concelho encontram-se num estado vergonhoso, sem que ninguém providencie ou sequer mostre incomodar-se com isso.

As ruas desta vida estão quasi intransitáveis. A rua da Estação está transformada numa lagôa — e numa lagôa imunda. A canalização está em mau estado e as sarjetas estão quasi todas entupidas. A Câmara Municipal é como se não existisse, tal é o relaxamento dos seus vereadores que corre parelhas com a indiferença a que votaram esta pitoresca vila, em tudo digna de melhor sorte, isto é, de melhores vereadores.

Cano

Uma cabala contra o Sindicato dos Rurais

CANO, 9.—Está premeditada uma conspiração contra o Sindicato dos Rurais desta localidade, conspiração feita pelos reaccionários desta terra que não vêem com bons olhos que os rurais estejam organizados. Apareceram, ultimamente, à porta dalguns industriais e lavradores uns dizeres ameaçadores de morte. Esses dizeres são anónimos e revelam a perversa intenção de comprometer o sindicato, dando-o como o organizador dum terrorismo que é, acima de tudo, a negação da sua tática e dos seus processos de luta.

O sindicato é o primeiro a desejar que um inquérito se faça, embora esteja convencido de que esse inquérito nada apu-

TEATRO NACIONAL — Telef. N. 3049
HOJE—Exito brillantissimo da magnifica peça do CARLOS SELVAGEM

MIRAGEM

O original português de mais difficil interpretação nos últimos tempos
DESEMPENHO MAGISTRAL
dos societários Ester Leão, Palmira Tórres, Albertina de Oliveira, António Pinheiro, Luis Pinto, Clemente Pinto, Ribeiro Lopes e Joaquim de Oliveira com Aurélio Ribeiro e José Balsamo
ENCENAÇÃO EXTRAORDINÁRIA DO PROFESSOR
ANTÓNIO PINHEIRO
Luxuoso mobiliário, cedido gentilmente pela casa de Campos Henriques

Tudo o operário tem o dever de possuir este livro

A educação moral da criança na família
Por Benoit Bouché—Tradução de Emilio Costa.—Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social.—Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores e irmãos devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças.—Preço 5800, pelo cor. 5530. Não sendo nas livrarias.—Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, r. Poais de S. Bento, 27-29—Lisboa

UM PROCESSO SENSACIONAL

O depoimento de Colombo, inspector da policia — A sciencia julga impossivel o suicidio de Daudet

Sessão do dia 5 de Novembro. O mistério continua impenetrável, eu por outra, as testemunhas embora tenham jurado «dizer a verdade, só a verdade» muito provavelmente não querem dizer o que sabem melhor do que ninguém.

A medida que os debates vão decorrendo, todos perguntam se na verdade sairá alguma luz de todos os depoimentos que inúmeras testemunhas têm feito, dos confrontos que se contradizem e se multiplicam.

Não se vamos descrever, por um pouco que as discussões não acabaram a tiro de revólver. A sr.ª Daudet desmaiou...

Um velho advogado que assistia à audiência, ao ver os seus colegas de ideias opostas chegarem quasi a vias de facto, exclamou:
—Desde o processo Zola, nunca vi uma audiência como esta. O próprio caso Caillaux decorreu muito mais calmo...

Mais uma revelação

A audiência não começou muito mal. Uma nova testemunha, Ernesto Gaubert, director do *Journal de Châteauroux* fez uma revelação interessante.

Parece que este sr. obtivera algumas confidências dum polemista comunista chamado Dujardin. Este que parece ter sido anarquista, tivera relações de amizade com Henri Fauré o qual lhe contara que fora ele o primeiro a receber em Paris a visita do jovem Daudet.

O rapaz parece que mostrara desejos de possuir uma arma e Fauré enviara-o a casa de Le Flautout com um bilhete de recomendação.

Um advogado exclamou:
—Eis a prova de que o rapaz foi assassinado ou por Le Flautout ou pela policia.

Os policiaes nada viram

E' ouvido a seguir o guarda Bourgeois. Era ele que estava de quarto num sitio mesmo em frente da livraria.

A's duas e três quartos ou três horas, um grupo de pessoas que estacionava no passeio da livraria chamou-lhe a atenção. Era a vigilância que começava. Mas Bourgeois que nada sabia, achou aquelas idas e vindas muito bizarras e aproximando-se perguntou:

—Quem é que vocês esperam? Quem são vocês?

Foi então que um dos inspectores respondeu mostrando-lhe o bilhete de identidade: «Não te apouques, meu velho! somos da policia»

Bourgeois não viu nenhum taxi em frente da livraria. Mas o guarda Bourgeois que o rendeu algum tempo depois, ao fazerem-lhe a mesma pergunta exclamou:

—Um taxi? Mas ali sempre paravam taxis... em frente há um urinal.

Com effeito é uma razão de peso...

O depoimento de Colombo

Por fim o sr. Colombo é introduzido na sala da audiência.

O inspector que é accusado por Daudet de ser o executor material do assassinio de seu filho, tem o aspecto pacifico e correcto dum empregado bancário.

Refer-se, por sua vez, ás peripécias da vigilância do dia 24 de Novembro.

Foi um dos que se encontrava no passeio da livraria de Le Flautout, quando o policia de guarda os interceptou.

Era ele também que, com o seu colega Roques, perseguia na rua do Chemin-Vert, um rapaz que saía da livraria, mas perdeu-lhe a pista pouco depois.

Colombo responde:
—Quatro horas e um quarto ou quatro e meia. Não me lembro muito bem. Apenas me lembro dum facto: é que os candieiros já estavam acesos, embora ainda fizesse dia.

Os leitores devem estar lembrados que o agente Bourgeois viu um policia a perseguir um civil mas ainda não eram três horas e meia.

Respondendo a uma pergunta do advogado de Roux, a testemunha afirma que co-

va e não passaria duma burla. Mas se o sindicato estivesse realmente comprometido o inquérito não seria uma mistificação...

Falou-se que António Dias irmão mandaria vir dois policiaes da investigação, mas até hoje esses dois javeis não apareceram...

O golpe, desta vez, falhou.
António Dias irmão, explorador emérito, baixou os salários dos trabalhadores de 7 para 6 escudos. Alguns lavradores têm por vingança despedido rurais por pertencem ao sindicato. Outros falam em salários de 5 e 4 escudos, esquecendo-se de que a família custa a 15 escudos cada 10 quilos e o azeite ainda está a 6 escudos o litro.

nhecia o «boulevard» Beaumarchais por já aí ter trabalhado.

—Esta forma, exclama de Roux, nas duas equipes que vigiavam a livraria, havia gente que conhecia bem os lugares! Na primeira, há Colombo; na segunda, Garanger que em 1921 fez uma busca à casa de Le Flautout. E na primeira equipe só Colombo é que ia armado.

E virando-se para a testemunha:
—Não é verdade que você devia prender o anarquista logo que descobrisse quem era?

—Eu ou outro qualquer. Esperava ordens para isso.

—E como calculava você proceder a essa prisão?

—Se me tivessem dado essa ordem tê-lo-hia seguro por detrás e tê-lo-hia imobilizado enquanto os meus colegas o apalpariam. A seguir tê-lo-hiamos levado para um taxi.

E a maneira classica, mas os acontecimentos é que ordenam.

O advogado com um sorriso irónico, comenta:

—Pelo que se vê, quando se prendesse o anarquista, ninguém tinha tensões de lhe pedir os papéis. No entanto você pediu-os a varias pessoas de quem desconfiou.

—Com effeito, mas era por descargo de consciência, pois os seus sinais não correspondiam aos que nos tinham dado.

Como de costume, uma frase de Daudet origina um tumulto e a sessão é suspensa.

Como naquele momento Colombo passasse junto da sr.ª Daudet e lhe tivesse tocado com a ponta do seu sobretudo, a mãe do assassinado tem um ataque e cai no chão, gritando:

—E' o assassino de meu filho, o assassino de meu filho, Assassino! Assassino!

O resto da audiência pouco interesse desperta.

A audiência do dia 7

Sessão calma. Chegou a vez dos peritos exporem a sua opinião.

Só três admitem a possibilidade do suicidio. Todos os outros o negam formalmente.

Eduardo Herriot vem depor em seguida. Nada sabe. De nada se lembra. Sendo chefe do governo nesse tempo facultou todas as facilidades a Daudet para que fosse feita luz no misterioso caso. Nada mais.

Vem a seguir a mulher do chauffeur Bajot. Ela também nada sabe.

O marido no dia do crime entrou em casa ás seis em vez de ser ás oito, como de costume.

Se tuoubesses o que me aconteceu, diz-lhe o marido, um rapazinho suicidou-se no taxi.

Conta que depois ela e o marido se puzeram a lavar as almofadas do carro, que estavam cobertas de sangue.

Há uma pequena discussão entre dois advogados das partes contrárias, mas tudo serena pouco depois.

O doutor Paulo, o médico que procedeu à autópsia do cadáver de Felipe Daudet, faz uma larga expostição terminando por dizer que é de opinião que o filho de Daudet se suicidou.

Um colega que segue é da mesma opinião.

Os que julgam o suicidio impossivel

O coronel Larpent, colaborador da *Action Française*, explica as razões que o levam a pensar que o suicidio no taxi era impossivel.

Da mesma opinião é o doutor Lucien Bernard, chefe do laboratório da Faculdade de Medicina.

O doutor Bernard explica durante algum tempo e duma maneira lógica os motivos da sua convicção, e o principal desses motivos é a possibilidade que existe das artérias cortadas poderem lançar jactos de sangue, bastante tempo apoz a ferida.

E uma opinião contrária à do dr. Paulo e do seu colega, mas é também a opinião do doutor Florent e do cirurgião Martel. Infelizmente o primeiro está doente e o segundo encontra-se na América.

E os jurados? E o público? O que pensarão?...
Quedas desastrosas

Na Sala de Observações do Hospital de São José, deu entrada António Carrilho, de 42 anos, fundidor, natural de Belmonte e residente no Casal Ventoso, Vila Prata, 4, 1.º, que caiu pela escada da residência, ficando muito ferido na cabeça.

Na enfermaria de Santo António deu entrada Joaquim Nunes, de 65 anos, natural de Vila Cortez (Guarda)-trabalhador, que caiu de uma oliveira, na Damalá, ficando com varias contusões pelo corpo.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

TIVOLI

TEL. N. 5471
ÀS 9 h. 3/4

Os herdeiros do tio Jaime

Comédia em seis partes

MANUK, O ESQUIMÓ

Super-documentário em seis partes

O mais extraordinário «film» das regiões boreais realizado até hoje.

Um dos maiores sucessos do cinema em Londres e Paris

Uma revista mundial

AMANHÃ—«Matinée» às 3 horas

A odisseia das cadeias

A desumanidade da Penitenciária e a exploração na Cadeia Civil do Porto

A Penitenciária continua a merecer a reputação odiosa em que é tida. O horror que todos nutrem por aquela prisão é justissimo, pois ela fabrica desgraçados e provoca as piores degenerescências. Nela praticam-se diariamente injustiças resultantes da maneira desumana como são tratados os reclusos.

O recluso 257, António Soares Ferreira, encontra-se metido numa espécie de buraco que mete água por todos os lados, por ter tentado evadir-se.

Esse recluso encontra-se doente e algum confidido da sua sorte tentou remeter-lhe um pão de 1.º, ao que se opôs o carcereiro Edmundo de Sousa que é conhecido pela alcunha de Mussolini por ser perseguidor dos reclusos.

Reclamou-se junto deste indivíduo e do carcereiro-mór Gabriel Roma, tendo-se ambos oposto terminantemente a que o recluso recebesse o pão que lhe queriam enviar.

Estes indivíduos provam, com o seu desumano procedimento, que são os piores criminosos que se encontram na Penitenciária.

AO recluso Abílio Jaime Barreiro não foram entregues dois livros que a *Comuna* lhe enviou, tendo sido remetidos à precedência. Também é proibida a leitura aos reclusos.

Da cadeia civil do Porto, recebemos uma carta na qual se fazem acusações graves ao chefe das guardas. Este indivíduo tem feito uma fortuna explorando os presos e é frequente obrigá-los, por meio de barbaras agressões, a levantar o rancho quando do este vem cheio de bichos. Nas arbitrariedades que se cometem na Cadeia Civil do Porto também se celebra a guarda Faria, perseguidor dos presos sem recursos e desalmado explorador daqueles que têm algum dinheiro.

Em virtude do sucesso que está obtendo neste teatro «O SALTIMBANCO», a 1.ª récita da peça de Ibsen «O INIMIGO DO POVO» só se effectua segunda-feira.

Os preços do aluguer dos contadores e de de tarifas de Gás e Electricidade

Nota da Câmara Municipal

A Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lisboa enviou ao comandante geral da Policia de Segurança Pública de Lisboa o seguinte officio.

«Tenho a honra de vir solicitar de v. ex.ª que se digna de, a bem do serviço municipal, fazer proceder por meio dos agentes seus subordinados de todas as esquadras policiaes desta cidade, contra toda e qualquer transgressão que se verifique, ao disposto no art.º 3.º da Postura n.º 35 de 1 de julho de 1924, applicando as devidas sanções, inclusive a de prisão ao encarregado da obra, e a imposição da multa de 240\$000 (actualização esta nos termos das leis em vigor).

Esta minha solicitação é feita em virtude da situação que as Companhias Reúndas Gás e Electricidade criaram recentemente, com o conflito aberto com esta Câmara Municipal, por virtude da fixação de preços de aluguer de contadores e de tarifas de gás e electricidade; e tem a maior oportunidade para ameaça que aquelas Companhias fazem aos consumidores, de lhes interromper o fornecimento do gás ou da electricidade, e por isto muito especialmente peço a atenção de v. ex.ª para esta minha solicitação.»

MIRAGEM

Esta peça, consagrada pelo publico e applaudida todas as noites, segue a sua carreira triunfal no elegante teatro Nacional.

Silves

O custo da vida continua subindo

SILVES, 9.— Na feira anual que aqui se realizou verificou-se que o custo da vida continua agravando-se. A guerra já acabou há meia dúzia de anos, mas as ascensão de preços dos produtos parece querer demonstrar que ainda estamos em plena conflagração mundial.

Ao passo que a vida continua subindo os industriais pretendem que os operários aceitem reduções nos salários, e os corticeiros estão em greve por lhes terem querido impor uma diminuição nos salários quando o custo da vida exige um aumento.

Nessa feira apparece publicamente uma roleta que funcionou com a maior liberdade, sob o olhar complacente da policia. Muitos menores foram ludibriados. A policia que não deixa funcionar assembleas de sindicatos cuja existência está legalizada, deixa funcionar roletas, as roletas que fazem parte dos chamados jogos ilicitos. E' assim a lógica burguesa...

COLISEU

Hoje—Às 21 horas (9 da noite)—Hoje

Alegria—Riso—Animação

ENHART

O maior e mais engraçado comico do mundo

Elegância—Arte—Audácia

Miss Quincy

A mais celebre e interessante nadadora

Admiração—Surpresa—Maravilha

Uma foca amestrada

Belos trabalhos de jonglage e acrobacia

Triunfal e extraordinário programa da

Grande Companhia de Circo

Amãhã—Grandiosa matinee e elegante

Bilhetes à venda

UNIVERSIDADE LIVRE

Comêço do novo ano lectivo

Tiveram começo nesta colectividade os cursos fixos, que funcionarão durante o novo ano lectivo, com grande concorrência, sendo professores os srs. dr. Joaquim Macedo Faria, dr. Manuel Figueiredo Santos Gil, dr. Alberto de Miranda,



Representantes das direcções de vários sindicatos marítimos contam à "Batalha" curiosas proezas dos dirigentes da Federação Marítima

Os actuais dirigentes da Federação Marítima parecem andarem cada vez mais empenhados em fomentar a discórdia entre a família trabalhadora. Uma conversa que ontem tivemos com vários elementos marítimos confirma em absoluto o que acabamos de dizer. Vamos reproduzir, tão fielmente quanto possível, o que nos contaram ontem os representantes das direcções dos sindicatos dos Fogueiros de Mar e Terra, Maquinistas Fluviais, Chauffeurs Marítimos e Pessoal de Rebocadores e Gasolinas.

Foguesiros de Mar e Terra

O representante da direcção do Sindicato dos Fogueiros de Mar e Terra declarou-nos, numa expansão franca e decidida: — Os dirigentes da Associação dos Frigateiros têm desenvolvido uma propaganda nefasta e uma acção atentatória da unidade das classes que discordam de orientação dos dirigentes da Federação Marítima.

— Quais os factos mais importantes dessa acção nefasta? — perguntámos.

— Eu lhe conto. Existe, há perto de um mês, uma questão entre o nosso sindicato e o proprietário do rebocador *Activo*, pelo facto do mestre desse rebocador maltratar a tripulação. Várias queixas foram apresentadas pelos tripulantes às suas respectivas associações, o que as levou a formular o seu protesto junto do referido arma-or.

— E o Sindicato dos Fogueiros?

— Formulou também o seu protesto, resolvendo não fornecer pessoal para o referido mestre.

— Mas a direcção da Associação dos Frigateiros arrançou pessoal não sindicado para o tal rebocador.

— Traiu, assim, uma classe de trabalhadores.

— Exactamente. Há mais ainda — disse o nosso entrevistado. — O presidente da Associação dos Frigateiros dirigiu-se à capitania pedindo-lhe fornecesse fogueiros da armada.

— E forneceram-lhos?

— Não, não lhos forneceram — informou o nosso camarada. — Passou pela vergonha de sofrer uma recusa e de ouvir dizer que só lhos forneceriam em caso de greve.

— E terminou assim as suas declarações o representante da direcção do Sindicato dos Fogueiros de Mar e Terra.

Chauffeurs Marítimos

O representante da direcção dos Chauffeurs Marítimos também nos fez declarações preciosas.

— O presidente da Associação dos Frigateiros — disse — influenciou o mestre do rebocador *Estrela de Alba*, que é associado nos Frigateiros, para este, por sua vez, influir no "chauffeur" Avelino do Sul para lançar a discórdia na nossa classe. Em resumo, este Avelino portou-se de tal maneira que a nossa classe teve de irradia-lo.

Por aqui ficou a declaração do representante dos Chauffeurs Marítimos que deu a palavra a um membro da direcção do Sindicato dos Maquinistas Fluviais.

Maquinistas Fluviais

— Para substituir — disse o referido camarada — um maquinista associado que saiu do rebocador *Activo* por não poder atuar o mestre, o presidente da Associação dos Frigateiros aconselhou o dito mestre a contratar um outro que não era associado.

Passou-se isto depois do presidente, como outro camarada informou, ter recebido a recusa da capitania que não quis arranjar-lhe pessoal da armada.

E para frisar melhor o gesto do presidente, o nosso entrevistado comentou: — Assim, desrespeitou o artigo 65.º dos estatutos da F. M., que dizem: "Nenhum trabalhador deverá trabalhar com outros trabalhadores que não sejam sindicados."

E rematando as suas declarações, perguntámos: — E se os dirigentes da Federação Marítima estão incitando os marítimos a exercer represálias sobre as classes que não são federações, como se explica a sua atitude angariando pessoal que nem sindicado é?

— Os leitores que lhe respondam.

Pessoal de Rebocadores e Gasolinas

O representante da direcção do Sindicato do Pessoal de Rebocadores e Gasolinas fez declarações mais desenvolvidas expondo a situação da sua classe perante os dirigentes da Federação Marítima.

— Há um ano aproximadamente — historiou ele — fundámos o nosso Sindicato por discordarmos das atitudes que os frigateiros tinham para conosco quando lá éramos sindicados. Por isso estes fizeram todo o possível para que o nosso Sindicato não fosse um facto. Mas nós, movidos de boa vontade, conseguimos dissipar todas as suas intrigas. Como não alcançamos os seus fins, por meio de boatos tendenciosos fizeram propaganda entre os nossos sócios para estes fomentarem a cisão dentro do Sindicato.

— E não apelaram para a Federação Marítima? — perguntámos.

— Sim, entregámos o caso à F. M. Deram-se três reuniões do Conselho e nunca os delegados dos Rebocadores puderam ser ouvidos, nem as suas reclamações atendidas porque os delegados dos Frigateiros, incluindo o próprio presidente, faziam tal vergonha e provocavam tais tumultos que as reuniões tinham de ser suspensas.

E após uma pausa o representante do Sindicato do Pessoal de Rebocadores e Gasolinas disse: — Foi isto que nos obrigou a afastar-nos da F. M. Não concordamos com a atitude dos seus dirigentes. Os nossos delegados foram incapazes em pedir os balancetes de contas da Federação, mas nunca apareceram. Só agora, decorrido um ano após o Congresso de Aveiro, foram publicados uns balancetes, que afinal não explicam o destino que levou o dinheiro dos marítimos. Até, para maior pouca vergonha, os documentos das despesas em vez de desenvolvidas, vinham apenas por documentos numerados que não diziam a que despesas se referiam.

E voltando a referir-se aos dirigentes dos Frigateiros, lamentou:

— É tanta a senha de perseguir e desmembrar o nosso Sindicato que até por falsas acusações têm levado componentes da direcção deste sindicato à cadeia e outros a serem esperados, quando vão para o seu serviço, para serem agredidos pelos indivíduos que fazem parte dos "complots" que eles arranjam.

Uma história edificante

O nosso entrevistado prosseguiu: — Por último os frigateiros que entram a nossa obra de trabalhadores conscientes, têm querido por vezes experimentar forças conosco, fazendo propalar boatos de que nos estamos preparando para um movimento grevista, indo junto das autoridades pedir providências caso façamos alguma das greves por eles fantasiadas.

Contou-nos o nosso interlocutor a seguinte e edificante história: — Há dias o rebocador *Norte* precisou de ir a Setúbal. E, como é costume, todas as vezes que os rebocadores saem a Barra, terão de levar, para completar a sua tripulação, mais um tripulante de convés e outro de fogo.

— O presidente dos Frigateiros foi junto do representante da casa Nazaré, Rocha & Norton ameaçar, caso o *Norte* não levasse um componente do Sindicato dos Frigateiros, que as fragatas e batelões nunca dariam cabos ao *Norte* para o efeito de serem rebocados. Tal não conseguiram porque a nossa razão é muito poderosa, o que levou o representante da dita firma a reconhecer-nos essa razão e a admitir a bordo um tripulante sindicado no nosso sindicato.

E ainda elucidou-nos: — Tem feito espalhar o boato de que o Sindicato deve três contos ao camarada António Salvaterra e 1.500\$00 ao camarada Alves do Rio. E' falso. Nunca felizmente tais empréstimos foram precisos. Temos os nossos balancetes patentes e com documentos bem desenvolvidos e não com simples números, como é praxe deles, para verem a aplicação das receitas.

— Até à data do último balancete, existem 2.973\$00 de receita, não temos, portanto, necessidade de andar a pedir dinheiro emprestado. Mais poderíamos ter se não fosse a vergonha levantada por eles em nosso redor. Se conseguissem após um ano de fundação do nosso Sindicato ter esta quantia em cofre, é porque cá não há trachão. Todos os componentes da direcção trabalham para o engrandecimento do Sindicato, sem remuneração alguma.

Referiu-se também este camarada ao conflito do *Activo* acrescentando-lhe alguns pormenores interessantes. E terminou as suas declarações, embora tivesse ainda muito que dizer.

COOPERATIVA SIBRIAL MARVIL

Sede — Praça Duque da Terceira LISBOA

Nos termos do n.º 1.º do artigo 19.º do Estatuto, são convocados a reunir em Assembleia Geral extraordinária, os sócios desta Cooperativa, na sua sede, no dia 18 do corrente, pelas 20 horas com a seguinte:

ORDEN DE TRABALHOS

- 1.º Apreciar e resolver sobre a situação interna da Cooperativa.
- 2.º Apreciar e resolver sobre a acusação feita do sócio 88, pelo sócio n.º 389.
- 3.º Apreciar e resolver sobre os casos dos sócios n.ºs 1238 e 1899.

Nos termos do Estatuto são convidados a referir-se a estes pontos a Assembleia ou a apresentar a sua defesa por escrito. Lisboa, 10 de Novembro de 1935. O Presidente da Mesa — (a) Raúl de Almeida

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

A Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil previne novamente os sindicatos da indústria de todo o país que ainda não enviaram os boletins com a relação de nomes e profissões dos operários sem trabalho que o devem fazer o mais breve possível, a fim de não prejudicarem os trabalhos iniciados.

Aos sindicatos dos arredores, a Bolsa faz semente que a inscrição de operários sem trabalho deve conservar-se aberta todos os dias, devendo o seu resultado ser enviado semanalmente.

Voz do Operário

Amanhã, pelas 20 horas, reúne para continuação dos trabalhos a assembleia geral desta colectividade.

E' nesta sessão que será apresentado o parecer elaborado pela comissão de manipuladores de tabaco com representação de sócios auxiliares, nomeada na última assembleia, tendente à passagem a efectivos, por direito próprio, de todos os sócios que atinjam 15 anos de colectividade.

Renovação
Revista gráfica
A 1 e 15 de cada mês
Preço esc. 1\$50

A greve dos corticeiros continua a ser um grande exemplo de solidariedade e uma grande afirmação de consciência bem dignos da carinhosa atenção de todo o operariado

A LUTA CONTRA A BAIXA DE SALÁRIOS

A luta contra a baixa de salários intensifica-se. O operariado que especialmente durante o período guerrístico, em que escandalosas fortunas se amontoaram à sombra da miséria do povo, foi forçado a emprender as mais cruentas lutas para enfrentar a subida do custo da vida, não conseguiu tréguas que lhe permitissem um equilíbrio nos seus lares tão abalados pelas vicissitudes. O capitalismo, apavorado com a velocidade adquirida na ancia de lucros, ancia tal que estabeleceu o entrechoque de interesses entre os exploradores, decretou a estabilização de preços das coisas e a melhoria cambial, mas os preços, num bailado macabro, marcam nas suas oscilações um agravamento lento mas sensível na generalidade, e a melhoria cambial não vem reflectir-se na vida dos operários das populações laboriosas. O que ontem era caro continua a ser caro; e o capitalismo, não querendo limitar os seus lucros a fim de favorecer a baixa, provoca a crise, nega aos trabalhadores, que são a maioria, o direito de consumidores e a si próprio nega o equilíbrio que diz desejar.

A sua única preocupação é a baixa de salários; não se capacitando de que assim as vendas dos produtos serão ainda mais limitadas e as crises serão maiores por isso mesmo e ainda porque o descontentamento presidindo às produções se torna deficiente em qualidade e quantidade.

Fracca demonstração de capacidade administrativa nos estão dando os senhores do capitalismo!

O operariado, que lutou para elevar os salários por imposição da carestia, não pode deixar de lutar agora para os manter.

Assim o vão compreendendo algumas classes. Iniciaram-se as greves de resistência, parciais em algumas indústrias, gerais por enquanto na indústria corticeira. Esta, incontestavelmente importante pelo número e pela tempera dos lutadores, é talvez o início duma grande campanha cujas proporções serão demarcadas pela insensatez e usura dos industriais. Procurando quebrar o admirável espírito de resistência dos corticeiros, movem-se já artimanhas forjadas em conluios do tabernáculo A. L. P. e mãos sinistras usaram, dum petardo que, colocando no portal da associação patronal, teve, sem dúvida, o único fim de desbaratar os operários em luta. Estes repudiaram com altivez o acto e, com a firmeza de quem não deve, nada temem para defender a sua justa causa.

Toda a Organização Operária deverá seguir atenta esta luta e prestar aos grevistas o máximo conforto moral e material.

NOTA DO COMITÉ DA GREVE

Camaradas: Por todo o país a nossa luta de resistência contra a redução dos salários prossegue com ardor e decisão. Para os corticeiros, o momento é decisivo. Os industriais contra quem lutamos personificam a fome, a mais crueza miséria. Lutar contra eles é pugnar por mais pão. E os corticeiros, já afeitos a sacrifícios, estamos certos de que tudo isso de preterir a entregar-se a cabisbaixos às mãos dos seus verdugos.

Supozem os industriais que por termos consentido a primeira baixa de 10%, nos acobardaríamos e deixaríamos que nos arrancassem mais ainda? Puro engano! As lutas operárias não se lançam por capricho mas para fazer triunfar a razão, mesmo à custa de sacrifícios.

O caminho que encetamos pela greve só pode ter um termo: — a vitória! Para ela, como um só homem, devemos marchar!

Camaradas: Solidários com a nossa luta já se manifestam algumas classes das que podem influir para a nossa vitória. Firmeza, pois!

Viva a solidariedade operária!
Viva a greve corticeira!
O comité.

No Barreiro

Os operários corticeiros persistem na greve com valor e entusiasmo.

A pesar de decorridos 10 dias, parece que a luta teve hoje o seu início, tal é a disposição dos grevistas em lutar até conseguirem a vitória.

Continua a fazer-se sentir a falta de solidariedade dos descarregadores de mar e terra que defendem o seu mau gesto atendo a que esperam indicações da Federação Marítima. Classificamos esta atitude de um atentado contra os sagrados deveres de solidariedade que devem ligar todas as vítimas do capitalismo, e um contraste com o gesto consciente de algumas outras classes marítimas que estão auxiliando a greve.

O industrial Barreiras busca todas as formas de fazer embarques, e como os condutores de carroças galhardamente estão ao lado dos corticeiros, tem-se esforçado por conseguir carroças emprestadas, contando com 2 de João Ferreira e 3 de Romão Cobo. Os grevistas foram ao encontro deste último conseguindo que eles se negassem, mas o industrial Barreiros mandou 3 rapazes que tem ao seu serviço, acompanhados por uma força da guarda, buscar as carroças abandonadas.

Hoje chegou um caminhão de Lisboa para transportar corticeira. Amanhã informaremos a Associação dos Chauffeurs do número desse carro para que a mesma se avinha com o seu condutor.

Em Alhos Vedros

Aqui não há defeições, mostrando-se todos os grevistas na melhor disposição de continuar lutando até à vitória

Em Sines

Os grevistas corticeiros mantêm uma inalterável coesão na luta. Todos os dias com acentuada a *Batalha* é disputada para se apreciar a marcha do movimento. E' indiscutível o entusiasmo que causou a pública notificação da greve em Sines e do gesto admirável dos marítimos daqui prestando a sua solidariedade.

Havia aqui um cavalheiro de nome António Boimho, que tinha por costume traír todas as greves e agora pretendia fazer o mesmo. A classe dirigiu-se à fábrica onde estava o amarelo, e foi o próprio industrial quem o fez abandonar o trabalho. Não terá vergonha este desgraçado? Não se convencerá de que erra quando censura os que frequentam o Sindicato e lêem a *Batalha*?

Oxalá que aproveite esta lição.

Em Almada

Almada, este grande centro corticeiro oferece um aspecto interessante. As fábricas silenciosas são como uns fantasmas de que fogem os grevistas.

Os 10 dias de luta, passados, a pesar dos sacrifícios que já representam, têm servido para retemperar os lutadores corticeiros que tudo preferem menos voltar às fábricas, derrotados. Com gente assim, dotada de tal espírito de sacrifício e de luta, é bem de esperar que o desfecho seja o reconhecimento por parte dos industriais de que a Razão está com os operários e, por consequência a vitória merecida.

Em Silves

Os corticeiros estão na disposição de lutar até à completa vitória. Não há defeições e os grevistas estão possuídos de revolta pela forma vilhaca como os industriais responderam à Federação Corticeira.

Em Vendas Novas

Os grevistas corticeiros mantêm-se na disposição com que há 10 dias iniciaram a luta, com um moral notável.

Em Setúbal

Nesta localidade o movimento mantém-se inalterável. Todos os corticeiros se apresentam dispostos a lutar até que o comité anuncie a vitória.

Em Belém

Nesta área a luta prossegue numa coesão absoluta. O moral dos grevistas é admirável, destacando-se de entre todos as mulheres pelas suas belas demonstrações de firmeza e disposição de vencer.

No Póço do Bispo

Aqui a greve prossegue com o entusiasmo do primeiro dia. Todos os grevistas confiam na vitória, scientes da razão que lhes assiste.

CARTA DE MOSCÓVIA

Pontos de contacto entre o fascismo e o sovietismo — Um expressivo lamento dos camponeses

Da revista anarquista *Pensiero e Volontà*, dirigida por Henrique Malatesta, traduzimos a seguinte carta sobre a "liberdade" russa, escrita por um camarada ali residente cujo nome não é mencionado, a fim de se lhe evitar as cruéis perseguições, em que tanto se tem distinguido a Tcheka, naquele país.

"Foi por um acaso feliz — diz ele — que a tua carta pôde escapar à censura, e chegar até mim.

O que tu me dizes da Itália assemelha-se muito ao que sucede na Rússia, com a diferença de que se na Itália a imprensa está destruída na Rússia a imprensa anarquista não pode existir.

Eis um traço interessante e característico da situação presente: vós na Itália não tendes tido e não podíeis ter anarquistas fascistas; mas aqui em Moscúvía temos tido alguns anarquistas que se diziam "soviéticos". Estes camaradas eram às vezes muito sinceros, e esforçavam-se por demonstrar aos outros camaradas, mais cépticos sobre esta questão, que os bolchevistas eram, a pesar de tudo, verdadeiros revolucionários, e ainda que se indignassem pelas perseguições contra os outros anarquistas, achavam no entanto possível e necessário, no interesse da revolução, colaborar até um certo ponto com os comunistas.

Não falo aqui dos traidores, como Keitzman, Gopner, Winogradova, que entraram para o partido comunista, e com os quais os restantes anarquistas cortaram relações; estes foram imediatamente "recompensados" pelo governo.

Assim foi condenado a três anos de detenção (naturalmente sem processo algum) no pior "campo de concentração" (Suzdal) o camarada Kharkhardine, que ocupava um lugar importante no Commissariado do Povo (ministério) da agricultura. A mesma sorte teve um outro agrônomo anarquista Khudolei. O estudante Andine foi exilado para a Sibéria por três anos, a pesar de toda a sua actividade anarquista consistir em ser "guarda" do Museu Kropotkine, desde a sua fundação, e ser muito activo na Secção Anarquista do Museu.

Esta secção não é bem vista pelo "Comité do Museu" presidido pela viúva de Kropotkine, e formado de grandes advogados como Muraviev, ou grandes engenheiros como Palchinski, que nunca tiveram nada a ver com a revolução e com o anarquismo.

Acaba de chegar o n.º 17 desta revista intitulada *Amor maldito*, de Federico Uraletz, Preço, 5\$00. — Pedidos à administração de *A Batalha*.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 17 desta revista intitulada *Amor maldito*, de Federico Uraletz, Preço, 5\$00. — Pedidos à administração de *A Batalha*.

INSTRUÇÃO

As aulas da Associação de Classe dos Empregados Menores do Comércio e Indústria de Lisboa, abriram ontem, continuando aberta a matrícula na rua António Maria Cardoso, 20, 1.º, das 21 às 24 horas.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 17 desta revista intitulada *Amor maldito*, de Federico Uraletz, Preço, 5\$00. — Pedidos à administração de *A Batalha*.

Vida Sindical

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Manufacturas de Calçado. — Às 21 horas, em assembleia geral.

S. U. do Mobiliário. — Às 17,30 horas a comissão de resistência juntamente com o pessoal polido da casa José Olavo.

— Às 17,30 horas todos os militantes e camaradas que já tenham desempenhado cargos no Sindicato, para um assunto de grande urgência e gravidade.

Federação do Calçado, Couros e Peles. — Comissão administrativa, pelas 21 horas.

Federação Ferroviária. — Pelas 18 horas, a Comissão Executiva, deste organismo, para tratar de assuntos importantes para a organização ferroviária.

DIAS PRÓXIMOS:

Maquinistas da Marinha Mercante. — Reúne amanhã, pelas 17,30 horas, a assembleia geral para se ocupar da demissão do delegado e outros assuntos.

JUVENUTDES SINDICALISTAS

Comissão Organizadora do II Congresso. — Reúne amanhã, pelas 21 horas.

Núcleo de Lisboa. — Secretariado Central. — Reúne amanhã, pelas 21 horas.

Secção Metalúrgica. — Reúne depois de amanhã, pelas 20 horas, a assembleia geral, com a mesma ordem de trabalhos. Apreciar o relatório de contas e a dissolução da secção para dar margem à criação da secção de Santos; assuntos diversos.

Secção de Santos. — Reúne depois de amanhã, pelas 20,30 horas, a assembleia geral constituída desta secção, com a mesma ordem de trabalhos: Apreciar a constituição da secção; nomeação do secretário seccional e assuntos diversos. E' conveniente a comparencia de todos os sócios efectivos ou auxiliares, que residam nesta área, embora não tenham recebido convite por lapso, dada a importância do assunto.

SOLIDARIEDADE

Pré-pros

Importâncias recebidas na administração de *A Batalha* em Maio:

Quete aberta em Ilhavo na Associação Marítima (lista dos marítimos de longo curso), 33\$00; um marinheiro da Armada 1950 Sindicato da Indústria Mineira de S. Domingos, 50\$00. Quete aberta por Carlos F. Gaio, 55\$00; C. Andrade, 20\$00. Quete aberta em França: André Alves Coutinho, Joaquim Alves Coutinho, Carlos Marques Ferreira, José António Marques, Américo Marques Sousa e Joaquim Ferreira da Silva, 10 francos cada, 63\$90. Total, 223\$40.

Os caixeiros de padaria perante o novo decreto sobre o pão

Os caixeiros de padaria, com certa razão, são considerados os piores ladrões do povo. O operariado, que mais de perto lida com eles, vê em cada caixa um gatuno que o rouba todos os dias.

Como se fala agora da modificação do actual decreto sobre o pão, eu, que tenho ouvido o sofrimento do povo, julgo oportuno dirigir-me aos caixeiros de padaria a fim de lhes fazer sentir o seguinte:

O povo, especialmente o da classe operária, não vê com bons olhos o roubo descarado de que é vítima por parte dos caixeiros de padaria. O motivo desta atitude filia-se, como é notório, no facto de o pão, além de roubado no peso, ser de péssima qualidade.

Procurando o decreto de que se fala coibir certos abusos, os caixeiros de padaria que hoje são obrigados a roubar no peso, segundo declaram, porque os industriais lhes exigem médias por quilo superior à sua produção, era aceriado que os referidos caixeiros não se prestassem de futuro a desempenhar semelhante papel.

O pretexto invocado para o roubo dos caixeiros não colhe muito bem. Sempre que os fiscais de produção ao serviço das companhias vão fiscalizar os pesos, encontram o pão com 60 gramas e mais de peso a menos e daí o motivo da exigência de médias superiores à produção da farinha.

Este breve reparo não quer dizer que o patronato não seja o culpado da infracção. Se todas as vezes que tal sucedesse castigasse os caixeiros eles não usariam reinclidir. Mas isto não é das atribuições dum humilde manipulador de pão como eu sou, e por isso não milito no nosso caso.

O que serve é a situação do consumidor, particularmente do operariado a braços com a falta de trabalho, que não pode estar à mercê de todas as tracatâncias que os caixeiros de padaria, filhos também do povo, se permitam fazer.

Aí fica a indicação e oxalá que ela aproveite aos referidos caixeiros que não devem esquecer o velho aforismo, muito bem aplicado no seu caso: "Quem semeia vento colhe tempestades".

Um manipulador de pão

ACABA DE SAIR

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1\$00.

Pedidos à administração de *A Batalha*.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkinkof. Preço 5\$00.

Atingido por um coice

No banco do Hospital de São José recebeu curativo e recolheu a casa, José Saraiva de Almeida, de 11 anos, residente na calçada de Arroios, 21, 1.º, que, na mesma calçada, foi atingido por um coice de cavalo, dando ferido no rosto e cabeça.